

Capítulo 5

A escrita no ensino superior: um olhar investigativo sobre alcances e dificuldades dos discentes ao produzir textos¹

Patrícia Ferreira Santiago²
Maurício José de Faria³
Luiz Elpídio de Melo Machado⁴

INTRODUÇÃO

Uma etapa fundamental da pesquisa é a sua comunicação ao grande público, à comunidade argumentativa que questionará e debaterá os conhecimentos produzidos por ela. O sucesso da comunicação sobre a pesquisa realizada, no espaço acadêmico, deve-se, inicialmente, à elaboração de argumentos que comprovem teórica e empiricamente a verdade científica acerca do objeto pesquisado, mas implica de forma tão importante outro fator – o cuidado com a linguagem. Assim, o produtor/pesquisador necessita compreender que não produz solitariamente seu texto, por isso é preciso conhecer a situação de comunicação – produção/recepção da escrita – para assegurar que o que se tem a transmitir não se tornará um amontoado de frases incoerentes, ou seja, faz-se necessário assegurar a textualidade.

Feita essa constatação, esta pesquisa teve o objetivo de avaliar se os graduandos das diversas áreas, mais especificamente dos cursos de formação em exatas, dominam orientações sobre o processo de produção de textos acadêmico-científicos requeridos no Ensino Superior, ambiente em que se realizam pesquisas que, posteriormente, devem ser apresentadas em uma linguagem própria para sua comunicação e validação.

A pesquisa proposta teve, ainda, os seguintes objetivos específicos: investigar a real condição dos alunos universitários quanto à habilidade e à competência para produzir textos acadêmico-científicos, assegurando todos os fatores de textualidade exigidos em uma produção escrita; e identificar quais dificuldades os universitários enfrentam durante o ato de produção de gêneros acadêmicos solicitados nos cursos, para, diante dos resultados, propor, futuramente, um trabalho de monitoria que atenda e sane essas defasagens.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho ocorreu, inicialmente, com estudos teóricos acerca dos fatores de textualidade, que habilitassem os alunos voluntários envolvidos nessa pesquisa a compreender, durante o processo de investigação, quais são as reais dificuldades dos alunos universitários no tocante à pesquisa e, posteriormente, no tocante à sua apresentação de maneira escrita, respeitando os gêneros acadêmicos veiculados no âmbito da universidade.

Depois do estudo teórico, foram realizadas pesquisas em campo, envolvendo graduandos dos cursos de bacharelado de universidades e Institutos de Ensino Superior (IES) que ofertam cursos em Ciências Exatas e Ciências Sociais Aplicadas na região Centro-Oeste

de Minas Gerais. Ao final dessa pesquisa, foi possível alcançar os cursos Engenharia Civil, Engenharia de Produção e Engenharia da Computação, a partir de aplicação de um questionário a esses graduandos, com intuito de investigar se eles reconheciam dificuldades de produção de textos acadêmicos e quais seriam as maiores dificuldades apontadas.

O questionário foi analisado e os resultados nortearão trabalhos futuros de extensão a serem propostos para os alunos de bacharelado, para promover ações que visem sanar essas dificuldades. A equipe que contribuiu para o desenvolvimento desta pesquisa foi composta por professores com habilidades de leitura e de escrita e por professores dos cursos das áreas de Ciências Exatas, de maneira a assegurar uma interação mais efetiva com os alunos dos cursos pesquisados.

A pesquisa ainda se encontra em desenvolvimento, e os resultados, até o presente momento, se caracterizaram por uma amostragem composta por 78 alunos dos cursos Engenharia. Até o fim do ano de 2017, foi realizada a aplicação do questionário às turmas de Engenharia e, em 2018, a aplicação foi estendida às instituições de Ensino Superior que oferecem cursos em Ciências Sociais Aplicadas. Um número considerável de alunos respondeu ao questionário.

COMO ASSEGURAR A TEXTUALIDADE EM PRODUÇÕES ACADÊMICAS?

O texto que estabelece um diálogo com o leitor é compreendido como uma unidade da linguagem em uso (VAL *apud* BOCCHESI, 2000) e exerce uma função social, afetando quem o lê e, da mesma maneira, quem o produz, quando, no espaço de debate, os olhares críticos

transformam texto, autor e receptor, que se alteram em um processo sempre de construção.

O texto, entretanto, só cumprirá esse papel social de estabelecer a discussão se observar alguns critérios formais e pragmáticos que asseguram a sua qualidade. Trata-se de critérios de textualidade, que, discutidos por linguistas como Beaugrande, Dressler, Val (*apud* BOCCHESI, 2000), são subdivididos em: coesão e coerência – centrados no texto e intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade; e centrados no processo de interlocução.

Destacam-se, inicialmente, os critérios de textualidade centrados no texto. A coesão textual constrói-se a partir de mecanismos lexicais e gramaticais, ou seja, para a perfeita veiculação das ideias e inteligibilidade do texto, é necessário que o mesmo se apoie em sua materialidade linguística. Podem-se destacar, como principais mecanismos coesivos, a seleção lexical, o emprego de sinônimos ou de vocábulos relacionados entre si, o processo de pronominalização, a escolha de artigos, as elipses de termos, a concordância, a correlação entre os tempos verbais e o emprego de relatores, como as conjunções. Uma falha no uso desses recursos pode afetar o sentido da comunicação que se quer efetuar, por isso é preciso deter-se atentamente no momento da produção aos mecanismos coesivos (KOCH, 1991).

Responsável pelo sentido do texto, destaca-se a coerência como outro fator fundamental de textualidade. Para assegurar esse sentido do texto, o autor precisa atentar-se para alguns requisitos básicos durante a sua produção, a saber: é necessário assegurar a unidade do texto, garantindo a permanência de alguns elementos; é preciso garantir a progressão das ideias que também não podem somente circular, repetir-se todo o tempo; por fim, é essencial que o autor não se contradiga durante a sua comunicação.

Elucidados os padrões centrados no texto, passa-se aos padrões centrados no processo de interlocução (KLEIMAN, 1995), como a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, além dos critérios de textualidade.

A intencionalidade refere-se à intenção do autor de produzir um texto coeso e coerente. Nesse caso, o autor precisa ter em mente de forma clara seus objetivos e explicitar ao seu receptor, desde o princípio, esses propósitos, procurando fornecer todas as informações necessárias para a inteligibilidade de seu texto, assegurando uma linguagem adequada para a situação de comunicação dada.

A aceitabilidade, outro fator de textualidade, relaciona-se ao leitor que, por sua vez, faz todo um esforço para aceitar a manifestação linguística do comunicador como um texto coeso e coerente. A aceitação das informações escritas como texto é ainda maior quando o receptor conhece o assunto tratado, ou seja, compartilha das mesmas informações que o autor.

Já a situacionalidade diz respeito ao contexto em que o texto foi escrito e contribui para esclarecer eventuais ambiguidades. Assim, uma manifestação linguística poderá ser considerada um texto em certas situações de comunicação e, outras vezes, não passará de um amontoado de frases, se a situação de interlocução não esclarecer o dito, não justificar a linguagem, forma etc. utilizadas.

Além dos critérios de textualidade, um texto precisa dosar as informações, fatos, ideias novas com outras já conhecidas, esperadas. Esse cuidado refere-se a outro fator de textualidade, ou seja, a informatividade. É certo que um texto é tão mais atraente quanto forem as novidades que ele apresenta, mas também não pode cometer o erro de tão inusitado ser a ponto de não assegurar a sua compreensão e a sua aceitação na comunidade em que circula.

Por fim, ao produzir um texto, o autor não o faz de forma solitária. Seu discurso é heterogêneo e veiculando várias vozes, que podem representar as ideias da comunidade com que se quer debater, o senso comum e outros textos que circulam na literatura corrente. Se assim é, ao ler um texto, o leitor necessita sempre recuperar informações já apresentadas em outros textos. Esse fator que exige a retomada de outros textos pelo autor e leitor é tratado como intertextualidade. A intertextualidade se dá de diversas formas, a saber: paródias, paráfrases, citações bibliográficas e epígrafes são exemplos de intertextualidade (FARACO; TEZZA, 1992).

Todos os fatores mencionados são, especialmente, nos estudos de Charolles e Val (*apud* BOCCHESI, 2000), apontados como uma forma de contribuir para a avaliação do funcionamento dos mais diversos tipos de textos, permitindo aos autores, no caso desta pesquisa, os universitários, o monitoramento constante e consciente de seus escritos, cuidando, pois, não só do aspecto formal de seu texto, mas do que se tem a dizer, para quem dirá e em que situação o fará.

Além de observados os fatores de textualidade, cabe ao graduando, ainda, dominar as variedades de gêneros textuais que costumam ser requisitados no universo acadêmico, como resumos, resenhas, relatórios, resumos expandidos, projetos, artigos etc.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme já mencionado, comunicar os resultados de pesquisas científicas por meio de textos escritos, observando-se a estrutura do gênero requerido, pode significar um grande desafio, principalmente a graduandos de áreas que não se relacionam tanto com as questões da linguagem verbal escrita. Com intuito de avaliar se a hipótese

de que graduandos dos cursos de Ciências Exatas confirmam dificuldades quando o assunto é escrever, aplicou-se um questionário a alunos das três engenharias ofertadas na região Centro-Oeste de Minas Gerais, a saber: Engenharia Civil, Engenharia de Produção e Engenharia da Computação.

A pesquisa, apesar de envolver a aplicação de questionários, tem caráter qualitativo, pois o instrumento foi respondido de maneira voluntária pelos discentes e não representa todo o universo estudantil desses cursos, mas permite uma analogia, de maneira a validar o que pensam os graduandos em áreas das Ciências Exatas sobre a escrita, e pretende pensar de forma extensiva esses resultados para cursos nas áreas de Ciências Sociais Aplicadas.

No curso de Engenharia Civil, 25 alunos responderam aos questionários para essa investigação. Todos afirmaram ter de apresentar trabalhos na modalidade escrita, embora 4 desses 25 alunos tenham destacado que isso se dá de maneira mais esporádica do que as atividades práticas e de cálculos.

Quando indagados sobre a reação que têm ao receberem a solicitação para escrever, 13 desses entrevistados afirmaram rejeitar a proposta, por não gostarem e terem dificuldades em relação ao ato de escrever. Dez disseram até cumprir prontamente a atividade, mas possuir grandes dificuldades de executá-la com eficácia. Apenas 2 alunos no curso declararam cumprir as atividades de produção de textos sem nenhuma dificuldade. Pode-se afirmar que esse resultado não deve ser muito diferente em curso afins, uma vez que tanto o corpo docente quanto o corpo discente não estão diretamente envolvidos com as questões ligadas à produção de textos.

Quando questionados sobre os gêneros textuais já vistos, eles demonstraram que, no decorrer do curso, são solicitados resumos, resenhas, relatórios, resumos expandidos, artigos e projetos de pesquisa. Quanto

a esses gêneros, 14 alunos disseram apresentar muita dificuldade ao produzir resumos expandidos, e esse número aumenta para 20 quando o gênero textual requerido é artigo científico, o que não nos surpreende, posto que, para escrever um artigo, o aluno terá que dominar os critérios de textualidade centrados no texto com mais precisão. Fora isso, ele terá que se dedicar a aspectos de textualidade extratexto, ou seja, leituras que corroboraram com a sua escrita.

Todos os 25 alunos que responderam ao questionário apontaram que cursos de extensão voltados para a produção de textos acadêmicos poderão contribuir para o melhor desempenho, quando tais atividades forem solicitadas.

No curso de Engenharia de Produção, 33 graduandos se prontificaram a responder a pesquisa. Todos disseram ter atividades que requerem a habilidade de escrita. Nesse curso, o número de alunos que se manifestaram sem dificuldades para escrever, a princípio, parecia mais satisfatório, pois 12 disseram escrever sem dificuldades, enquanto apenas 3 alunos disseram rejeitar as atividades escritas e 18 assumiram ter dificuldades para efetuar trabalhos acadêmicos escritos. Entretanto, pode-se perceber que essa resposta envolve o período em que os alunos em maior parte se encontravam: 23 estavam no segundo período e, portanto, relataram ter contato com gêneros textuais mais simples, como resenha e resumo. Isso ficou claro porque, posteriormente, 27 alunos disseram não dominar a escrita de artigos, projetos e resumos expandidos, ou seja, quando se tratava de gêneros textuais que requeriam maior habilidade de escrita, os graduandos já apontaram desconhecimento.

Por fim, 20 alunos do curso de Engenharia da Computação participaram da pesquisa e 18 deles disseram ter atividades escritas no curso. Dois dos entrevistados marcaram “não” em seus questionários, mas isso contraria o que já foi encontrado nos demais resultados. Quatro desses entrevistados disseram rejeitar as atividades escritas e 12 disseram realizá-las, mas

com grandes dificuldades, sendo que apenas 4 alunos apontaram maior facilidade para produzir os trabalhos acadêmicos. Quando indagados sobre os gêneros textuais que produzem, todos citam resumos, relatórios e resenhas, mas destacaram suas dificuldades para produção de artigo e projetos; mais especificamente, 14 disseram não conseguir escrever artigos científicos e, desses mesmos entrevistados, 12 disseram não dominar o gênero textual artigo.

Todos os 20 alunos de Engenharia da Computação participantes da pesquisa concordaram que cursos extracurriculares de extensão que contemplem a produção de textos poderão assegurar o melhor desempenho em relação a essas atividades e que esses cursos devem ser ofertados com frequência, a fim de atender à demanda, principalmente, dos alunos interessados em atuar em projetos de pesquisa e extensão, pois essa participação poderá exigir, como produto final, a escrita de artigos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve o intento de investigar as habilidades possuídas ou não por graduandos dos cursos de Ensino Superior, sobretudo nas áreas de Ciências Exatas na região do Centro-Oeste de Minas Gerais, no tocante à escrita dos gêneros textuais acadêmicos mais solicitados durante a graduação.

Sabe-se que, nesse universo, as pesquisas são parte da formação do conhecimento do cursista, e que transferir os resultados dessas pesquisas em forma de texto, assegurando todos os fatores de textualidade, é tarefa essencial para a transmissão dos resultados dos trabalhos realizados.

Foi aplicado um questionário aos alunos dos cursos de Engenharia Civil, Engenharia de Produção e da Computação na região, e pode-se concluir, de maneira geral, que a habilidade de escrita ainda é um grande desafio a ser vencido nos cursos da área das Ciências Exatas. A proposta de cursos extensionistas que venham sanar essas lacunas surge como uma tentativa de oferecer novas oportunidades aos graduandos para o exercício pleno de construção de seu saber. Além disso, essa investigação não encerra seu olhar a essa área do conhecimento, pois entende que um país em desenvolvimento precisa alavancar suas pesquisas e outras áreas, como as Ciências Sociais Aplicadas, serão objeto de investigação após este relato.

Além disso, a proposta de cursos voltados para a escrita poderá mudar a visão pejorativa que muitos alunos têm, especialmente os de bacharelado, das mais diversas áreas do saber, de que a produção de textos não é tão relevante para a sua formação. Assim, será possível levá-los a entender que, no mundo corporativo, nas instituições públicas e privadas de peso, a escrita de simples e-mails, memorandos, pareceres e relatórios é extremamente relevante e valorizada e faz-se necessária constantemente, pois demonstra domínio dos saberes técnicos que não obstante vêm redigidos em língua portuguesa padrão.

REFERÊNCIAS

BOCCHESI, J. da C. A escrita como processo no ensino superior. *In: Educação superior: travessia e atravessamentos*. Rio Grande do Sul: PUC/RS, 2000. p. 171-201.

FARACO, C. A.; TEZZA, C. **Prática de texto para estudantes universitários**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 1999.

KOCH, I. G. V. **A coerência textual**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 1995 (Coleção Repensando a Língua Portuguesa).

KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1991. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa).

NOTAS DE FIM

- 1 Este artigo é resultado de atividade de Pesquisa interdisciplinar entre os cursos de Letras e Engenharias da UEMG Divinópolis.
- 2 Professora da UEMG Divinópolis, mestre em Língua Portuguesa pela PUC-Minas.
- 3 Professor da UEMG Divinópolis, mestre em Letras – Literatura – pela PUC-Minas.
- 4 Professor da UEMG Divinópolis, mestre em Engenharia de Produção pela UFSC.